

## CONTOS BILÍNGUES: ENSINO E APRENDIZAGENS

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>1</sup>

Maria Alejandra Saraiva Pasca<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa analisa a importância da criação dos livros de contos bilíngues publicados pela Editora Unilasalle para o ensino e para as múltiplas aprendizagens. Trata-se de uma proposta de produção de material didático e paradidático para o ensino superior, educação básica e para todas as pessoas interessadas em leitura. O livro é organizado pelos docentes da Unilasalle para o uso em sala de aula. Além da criação literária e da tradução, também possui proposta de atividades e ilustrações de acadêmicos de Design Gráfico. A obra é um produto que os acadêmicos de Letras, de Pedagogia e de Design Gráfico desenvolvem em seus estudos, transformando em prática seus conhecimentos teóricos. A metodologia é de caráter bibliográfico e temos como hipótese a possibilidade do desenvolvimento de múltiplas habilidades de quem o produz e de quem o recebe em seus estudos. O problema da pesquisa é como a produção de livro com caráter interdisciplinar pode se tornar um material didático para desenvolver múltiplas habilidades. Servem de base teórica Todorov (2009), Cereja (2005), Brum (2014), Gonzaga e Tutikian (2015), Baker (2011) e Oustinoff (2011).

1610

### Ensino de literatura

Ensinar literatura pressupõe, em primeiro lugar, a autoformação do leitor a fim de que possamos entrar no universo literário para potencializarmos as possibilidades, descobrindo as tessituras daquilo que se lê. No emaranhado das escritas, há um universo a ser redescoberto e recriado com a participação cada vez mais intensa do leitor em diálogo com o escritor. Sem isso, não é possível desvendar e compreender em profundidade aquilo que se apresenta em frases que podem passar despercebidas ou não lidas em sua natureza alegórica tão pertinente

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras, docente, pesquisadora e coordenadora do curso de Letras na Universidade La Salle.

<sup>2</sup> Doutora em Letras, docente na Universidade La Salle; Tradutora e Intérprete Comercial do RS.

ao texto literário. Há um aspecto crucial quando se adentra neste universo da leitura e da compreensão do habitar-se de cada um, no dizer de Eliane Brum (2014, p. 9): “Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se”. Segundo a autora, faz-se um percurso interior para escrever, buscando fatos e lembranças guardadas por muitos anos e que sustentam a vida pela rememoração. E o leitor, como copartícipe desse ato de habitar-se, entrega-se ao rumor das palavras em imbricamento de múltiplos sentidos, evocando memórias e sentimentos pelas narrativas ou, simplesmente, pelas afirmações e negações contidas nas frases, muitas vezes, nada explícitas. Neste momento, entra em ação a importância do ensinar provocando e instigando o leitor a desvendar a incompletude deste habitar-se e do explicitar aquilo que é próprio da leitura particular tornando-se coletiva no ato de ensinar e de aprender. Ou melhor: no ato de deixar-se aprender ou apreender pelo literário, permitindo descobrir-se nas relações textuais e intertextuais que compõe cada texto de forma singular e em um momento que pode ser outro no instante seguinte. Nessa volatilidade de sensações, a literatura leva o leitor a caminhos novos pelo pensamento e pelo sentir provocado pelas relações estabelecidas entre as palavras nas formas irrepitíveis de cada criação textual.

Esse aspecto mais intratextual revela-se a partir das múltiplas leituras realizáveis, que podem ocorrer em sala de aula na medida em que os professores permitem a abertura e o diálogo com seus alunos e com os textos literários apresentados como material didático dinâmico e irrepitível. Há tempos, existe um debate entre os estudiosos da literatura a respeito de sua atualização no que tange ao estudo de autores contemporâneos, desde o trabalho mais voltado ao aspecto literário em detrimento da historiografia até a seleção de textos a serem lidos pelos alunos. Tzvetan Todorov (2009, p. 22) afirma que “a literatura não nasce no vazio mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.” O autor defende a ideia de que a aula de literatura tenha senso estético e que deva ampliar horizontes dos alunos. Assim, seu estudo torna-se uma mostra de possibilidades, quebra de fronteiras e maneiras de conceber, compreender e interagir no universo. Quanto a esse aspecto, é importante que o professor torne-se influenciador de seus alunos para tornarem-se leitores e escritores; se não por profissão, pela capacidade criativa e cognitiva de conseguir

criar um bom texto. Afinal, quanto mais se escreve e se lê, melhor se desenvolve ambas as habilidades, uma influencia a outra. E, ao formarmos professores, precisamos estar atentos a essa peculiaridade, afinal, a escola é agente responsável pela formação e manutenção de leitores. Segundo William Cereja (2005, p.22), ela “exerce sobre a família e a comunidade um papel de centro irradiador de livros, de leituras e do gosto literário”. Quanto mais convicto estiver o professor de sua influência sobre a formação de leitores, mais sua ação será profícua e contínua, não obtendo apenas um leitor de momento, com o único objetivo de dar conta de uma avaliação e, sim, para a formação de um cidadão conhecedor de tal cultura e identidade e das demais existentes na realidade ou imaginadas. As propostas didáticas necessitam estar alinhadas a objetivos que levem ao conhecimento do texto literário as suas múltiplas possibilidades, como também à escrita de um texto próprio, perseguindo a forma apresentada e analisada em aula. Segundo resultados de uma pesquisa realizada por Cereja (2005, p. 23):

---

Esses dados demonstram que a forma como o professor encaminha o trabalho com a leitura extraclasse pode estar relacionada com o grau de adesão dos alunos à leitura das obras indicadas, mas não é determinante. Há outros fatores que também são responsáveis pelo envolvimento do aluno com o projeto de leitura da escola; entre eles, talvez os mais importantes sejam a empatia dos alunos com o professor e o reconhecimento da seriedade desse profissional e seu compromisso com o projeto de leitura.

---

1612

Cereja refere-se ao processo da leitura, porém suas considerações estão adequadas igualmente ao processo de escrita. A reinvenção da vida a partir da criação literária é um dos aspectos inovadores no curso de Letras, isso faz com que os estudantes sejam protagonistas do processo que eles mesmos estudam – ou seja, passam a estudar as publicações alheias e as próprias escritas. Diante dessa reflexão, constatamos que há várias aprendizagens por parte dos estudantes a partir de projetos de criação de textos. Este estudo se desenvolveu com uma metodologia de caráter bibliográfico, tendo como hipótese a possibilidade do desenvolvimento de múltiplas habilidades de quem o produz e de quem o recebe em seus estudos. A metodologia tem abordagem qualitativa e descritiva, em um estudo de caso. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa é aquela que analisa os resultados a partir de uma abordagem subjetiva, em que busca observar detalhes como o

comportamento das pessoas e a sua reação. Sobre o estudo de caso, Yin (2015) explica que cada estudo de caso possui uma unidade de análise. Nesta pesquisa, a unidade de análise é a produção de livros de contos desde sua concepção até a produção e divulgação ao público leitor. O problema da pesquisa é como a produção de livro com caráter interdisciplinar pode se tornar um material didático para desenvolver múltiplas habilidades.

### **A produção de contos bilíngues da Unilasalle**

Neste estudo, relatamos a produção de livros de contos escritos e traduzidos para língua estrangeira pelos acadêmicos da Unilasalle e ilustrados pelos alunos de Design Gráfico. A ideia surgiu em 2015 como resultado de um trabalho interdisciplinar envolvendo professores e estudantes com base na linguagem artística, na criatividade, na originalidade, associando leitura, escrita e imagens. A ideia da publicação do primeiro livro, *Contos Horripilantes/Cuentos de Horror / Horror Short Stories*, surgiu a partir do planejamento das disciplinas Literatura Brasileira II (com 37 alunos) e Evolução das Tecnologias Gráficas (com 20 alunos), no segundo semestre de 2015. A criação dos contos foi uma proposta feita aos alunos de Letras da habilitação de português, de português-espanhol e alunos de História, a partir do estudo dos contos: *O Espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis; *O Espelho*, de João Guimarães Rosa; *Espelho*, de J. J. Veiga. Portanto, o tema deveria versar em torno de um espelho e ter alguma característica da escrita fantástica ou do suspense. Como decorrência, para a criação dos contos, foram utilizados estudos teóricos sobre o gênero conto e sobre literatura fantástica (Alfredo Bosi, Gilberto Mendonça Telles, Massaud Moisés, Tzvetan Todorov, Selma Calassans Rodrigues, Adolfo Bioy Casares e Jorge Luis Borges) e diversas leituras de contos de autores brasileiros a fim de analisar a estrutura e estilo de escrita de cada escritor (a). O diálogo constante entre as professoras propiciou um planejamento conjunto que deu sentido a conteúdos que, aparentemente, estavam isolados no currículo dos dois cursos em questão. Por outro lado, os estudantes impulsionaram o projeto com sua aceitação e pronto atendimento ao que lhes foi solicitado, dando o toque pessoal de cada um na escrita. O incentivo foi, acima de tudo, à escrita autoral, de forma criativa e artística, não meramente um relato de

uma história, mas sim, uma história escrita com linguagem figurada, com suspense e demais possibilidades de uma escrita literária. De acordo com as apresentações dos livros, as motivações e inspirações surgiram na própria sala de aula, mostrando que o curso superior inclui na sua formação profissional a concretude dos talentos dos estudantes. Assim, a disciplina Evolução das Tecnologias Gráficas do curso de Tecnologia em Design Gráfico teve como objetivo a prática de antigas técnicas de impressão, como a xilogravura e a serigrafia. Neste projeto, os estudantes de Design receberam os contos criados pelos estudantes da disciplina de Literatura Brasileira II e criaram ilustrações com a técnica de xilogravura com base no enredo dos contos. Para a turma de Espanhol, este projeto apresentou-se como um grande desafio. Em primeiro lugar, pelo cuidado em reescrever o texto alheio como sempre ocorre em uma tradução. Alguns alunos traduziram o próprio texto, o que facilitou o entendimento mais estreito dos significados apresentados ao criar o conto. O segundo desafio foi o fato de os estudantes estarem no início do curso, sendo a disciplina de nível 3 do curso de língua espanhola e, portanto, não tendo estudado ainda as noções básicas de versão e tradução. Apesar das dificuldades, os tradutores superaram as expectativas pois conseguiram buscar soluções além da sala de aula, ao depararem-se com estruturas gramaticais e lexicais não estudadas, objetos ou símbolos desconhecidos, presença de expressões idiomáticas ou mesmo, questões culturais importantes, que marcam a diferença entre os dois idiomas. Para os estudantes de Letras inglês, foi um projeto instigante, pois significou interpretar as histórias sobre o tema do espelho e reescrevê-las em outra língua, com todos os entraves que a tradução, muitas vezes, apresenta, como a falta de equivalência entre termos, expressões idiomáticas muito regionais, gírias locais e demais situações peculiares das línguas materna e estrangeira. Antes mesmo de sabermos se seria possível a publicação dos contos, realizamos uma exposição no Espaço Multicultural da Biblioteca da Unilasalle, da qual resultou um vídeo<sup>3</sup>. A exposição contou com trechos de suspense dos contos com suas respectivas xilogravuras ampliadas e acessórios de filme de terror cedidas por um aluno do curso de Design Gráfico, produtor de materiais para filmes de suspense. Ao ser publicado o primeiro livro, o lançamento ocorreu na 62ª Feira do Livro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS) com sessão de autógrafos. A partir dessa

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fybWs8-bnfk>.

experiência, nos anos seguintes, mais professores e mais turmas aderiram ao projeto e foram criadas, editadas e lançadas na Feira do Livro de Porto Alegre (RS) as seguintes obras: *Contos de crianças/Cuentos de niños/Childhood Stories* (2017), *Contos de mulheres/Cuentos de mujeres/Women Stories* (2018), *Contos (quase) fantásticos/Cuentos (casi) fantásticos/(Almost) Fantasy Stories* e *Contos de amor ou amizade(?) / Short Stories of Friendship(?)* – todos publicados pela Editora Unilasalle. Em 2021, está sendo organizado o livro *Contos do cotidiano: realidade x virtualidade*, sendo este bilíngue (português e inglês). A partir de 2017, os contos passaram a ser escritos por estudantes de Letras e de Pedagogia, com propostas de atividades para serem trabalhadas em sala de aula na educação básica. Sob o princípio do desafio, seguimos a definição de ficção, escrita por Pedro Gonzaga e Jane Tutikian (2005, p. 21): “Invenção de um mundo com base na observação, na memória e na imaginação. Este mundo, ou contra-mundo, é encenado pelo texto e seus elementos constitutivos, que podem ser aprimorados: o narrador, a história (trama), as personagens, o espaço e o tempo”. A partir desse entendimento a respeito da ficção, buscamos trabalhar com uma ideia bem ampla das possibilidades de escrita, valorizando o potencial imaginativo e cognitivo individual e dos grupos.

1615

### **A escrita como produção literária autoral**

Desde as leituras prévias à escrita - ambos como forma de expansão de conhecimentos e constatação de estilos de escrita e estruturas possíveis até a produção autoral de contos inéditos - construiu-se um universo literário inédito na universidade:

---

Uma vez compreendida e lida na exaustão de sentidos, os textos do currículo universitário podem reverter-se em fontes de inspiração e aprendizado para a produção de novos textos e, justamente, por aqueles que trabalham diariamente com esse estudo. Diante de uma época em que as tecnologias ganham espaço cada vez mais intenso na vida de todos, inclusive dos alunos de todos os níveis de ensino, é tarefa do professor repensar suas formas de atuação e intensificar a leitura e a escrita. Diante disso, é necessário propor tarefas que despertem o interesse e desafiem os jovens e, para tal iniciativa, o gênero conto se propõe a preencher a lacuna diária da falta de aproximação com o texto literário. Conhecer o funcionamento do gênero textual com que se trabalha em sala de aula é vital para percorrer sua forma de escrita, sua tessitura e, assim, poder

compreendê-lo melhor e recriá-lo a partir de uma escrita própria. E isso torna-se relevante na formação de professores a fim de que passem pela experiência criativa e desenvolvam habilidades para realizarem o mesmo com seus alunos na escola. (ROSA, Lúcia Regina Lucas da; GREGIS, Hilaine; MACHADO, Eduardo Pereira, 2020, p. 152)

---

Com este projeto, divulgamos a elaboração de livros criados na universidade pelos acadêmicos de licenciatura, com vistas a oferecer material didático a ser utilizado tanto no ensino superior quanto na educação básica. À medida em que os livros são publicados, as situações de sessão de autógrafos, saraus e bate-papo e produção de vídeo vão surgindo e incrementando a produção intelectual e artística dos acadêmicos, futuros docentes nas escolas em integração com os alunos de Pós-graduação, que trazem o ponto de vista da pesquisa e da produção de um Mestrado profissional. Dessa forma, a universidade estreita sua função de estar em sintonia e atualização com as necessidades do ensino; ao aprender, os estudantes também ensinam e, assim, mantêm o ciclo de parceria, além de viabilizar um produto pedagógico autêntico, atualizado e de qualidade. Em conversas com os alunos, constatamos que alguns contos escritos por eles são uma catarse de vida, ou seja, escreveram e desabafaram sobre suas dores existenciais, ou até mesmo, reelaboraram situações vividas. Alguns personagens criados são alter-ego, inclusive, perceptíveis pela leitura, algo que foi confessado após conversas sobre o livro e percebido por alguns leitores. Reelaborar questões pessoais também se torna uma tarefa da literatura, não por compromisso de assim o ser, mas por consequência natural. Ninguém escreve totalmente isento de sua visão de mundo ou de suas experiências pessoais. No entanto, é certo que nem sempre as escritas são fidedignas à realidade e nem a literatura tem esse compromisso. Este é um fator importante da escrita: o indivíduo olha mais para si e percebe-se como ser integrante de determinados grupos de amigos ou familiares, percebe sua história perante outras pessoas, o seu próprio significado e o que significa para os outros. Escrever é algo mágico, encantador e, por vezes, sofrido. É, portanto, expressão de vida pulsante e manifestação de si e dos outros em que se criam mundos ao mesmo tempo em que se recriam mundos e pessoas.

O desenvolvimento pedagógico e profissional está estreitamente ligado à formação dos licenciandos. A cada projeto, refazemos e nos entusiasmos, não apenas com os resultados, mas também com o processo desenvolvido.

Costumamos dizer aos alunos que eles devem ser profissionais na escola melhores do que o que nós fomos e somos, porque não tivemos professores que mostrassem muitos caminhos, uma vez que eram tempos de escolaridade mais rígida quanto a inovações. E, nos tempos atuais, é preciso se reinventar a cada dia pois, embora não tenhamos tido essa formação mais aberta, isso não nos impediu de experimentar situações inovadoras na escola e na universidade. Condicionamos isso a dois aspectos: a observação constante no movimento da sala de aula e o entusiasmo com a profissão docente. Os projetos permitem pensarmos além dos programas curriculares, refazendo-os, ressignificando-os e, nem por isso, esgotando a criatividade. Para escrever, é necessário sair de si e buscar um outro ou muitos outros que estão espalhados a nosso redor, com quem convivemos diariamente de forma percebida ou despercebida. Todos que nos circundam física ou imaginariamente habitam-se em nós e nós habitamos neles – retomando a constatação de Eliane Brum (2014), o difícil é explicitá-los e isso a literatura consegue realizar. Ou, pelo menos, nos provoca e nos convoca a realizar e a reinventar-se. Habitar-se é mais profundo que viver, é poético e emancipatório, é uma forma de repensar a vida e ressignificá-la para si e para os outros.

1617

Cada livro é produzido com um tema em relevância e procura-se dar amplitude nas várias nuances em que se desdobram nas histórias criadas. Na apresentação de um dos livros, destaca-se a seguinte validação do movimento da ONU- Organização das Nações Unidas no propósito do livro:

---

Para além de histórias fictícias ou reais, os textos mobilizam o misto, o hibridismo, o múltiplo que está em cada um de nós, seres humanos. Tão humanos que nos permitimos viver a dialética existencial com os fios da alegria e da dor, do encanto e do desencanto, da poesia e da nua e cruel realidade que nos impele a amar mesmo quando o amor não é amado. (FOSSATI, 2018, p. 7).

---

A partir desse trecho da apresentação, percebe-se a validade dos textos para o trabalho pedagógico e para o incentivo à leitura para todas as idades. Assim é a profissão docente, assim nos sentimos em relação ao trabalho que desenvolvemos diariamente e, a cada semestre, as aulas são novas porque os desafios se revigoram e mudam de acordo com o momento em que se vive.

## A tradução como produção estética

A tradução faz parte da comunicação e pode ser encontrada em todos os lugares: nos textos jornalísticos, em folhetos de turismo, em publicações científicas, em cartazes de aeroportos, em relatórios de organizações internacionais. Esses gêneros textuais são diferentes dos textos literários, pois têm a intenção de informar, enquanto o texto literário tem a intenção estética. Outrossim, traduzir ideias e não palavras faz com que a tradução literária exija tempo do profissional: Baudelaire, por exemplo levou cerca de quinze anos para traduzir as obras em prosa de Edgar Allan Poe (OUSTINOFF, 2011).

Seja com a intenção informativa ou com a intenção estética, o tradutor precisa, muitas vezes, fazer reformulações na língua-alvo (LA) para evitar a tradução literal na língua fonte (LF), assim como também faz reformulações na LF. Portanto, a tradução está relacionada à comparação que se faz da sintaxe da LF e da sintaxe da LA. Essa comparação, essencial na aprendizagem de línguas estrangeiras, é crucial, também, no trabalho de tradução e exige que o tradutor faça escolhas o tempo todo.

Segundo Oustinoff (2011), não é comum que o próprio autor seja o tradutor do texto fonte, embora há exemplos disso no mercado editorial. Outra situação pouco comum, mas que pode ocorrer é a da tradução alógrafa: aquela que é lida pelo autor e aprovada por este. Sendo assim, o mais comum é que o tradutor quase nunca seja o autor do texto fonte e, portanto, é de se esperar que a tradução não seja o original em si. Consequentemente, a tradução sempre envolverá algum tipo de transformação, pois ela não é uma reprodução absoluta e literal do texto fonte, o que não tira seu prestígio. Muitas vezes, espera-se que a tradução seja o mais fiel possível ao texto fonte; no entanto, Oustinoff (op. cit.) enfatiza que a fidelidade na tradução não ocorre de maneira indiferenciada, pois leva em conta vários aspectos, como a época em que se faz a tradução, o horizonte de perspectiva etc.

Traduzir pode implicar diversas escolhas como a) inversão de termos; b) expressão de ideias em forma de negação quando no original usou-se uma afirmação; c) uso da voz passiva quando no original a oração estava escrita na voz ativa; d) diferentes intervalos de tempo e espaço; e) uso da parte pelo todo (metonímia) etc. Por exemplo, uma oração como “*I was paid yesterday*”, comum na voz passiva em língua inglesa para expressar que o indivíduo recebeu seu

pagamento por um trabalho realizado, é mais usual no português brasileiro (PB) na voz ativa “Recebi ontem”. Por isso, o tradutor precisa ser investigativo e ter um bom conhecimento tanto da LF quanto da LA para fazer escolhas apropriadas ao traduzir. Às vezes, um verbo que em inglês consiste em um único termo como *‘type’* (digitar, datilografar) pode ter que ser escrito como mais de um termo noutra língua, como em espanhol, *‘pasar a máquina’*, o que mostra que na tradução nem sempre há uma correspondência ‘um para um’ (BAKER, 2011).

Na comparação entre português e inglês, também devem ser levadas em conta as diferenças entre substantivos contáveis e incontáveis. Enquanto em português podemos pluralizar a palavra ‘equipamento’ e dizer “os equipamentos foram instalados com sucesso”, utilizando o morfema ‘s’ de plural no substantivo, em inglês, a palavra *‘equipment’* é incontável. Para usá-la no plural, o tradutor deve acrescentar a expressão ‘piece of’, que pode ser pluralizada, antes do substantivo ‘equipamento’ *“the pieces of equipment have been installed successfully”*.

Outra situação é a tradução de expressões idiomáticas e de combinações de palavras (*collocations*), que também exigem que o tradutor faça um trabalho de pesquisa e estabeleça reordenamentos. Por serem arbitrárias, as combinações de palavras podem apresentar muita variação de uma língua para outra (BAKER, 2011). Em espanhol, por exemplo, a combinação de palavras *‘hacer los mandados’* equivale, em inglês, à expressão *‘run the errands’*. Diferentemente do espanhol e do inglês, em português, não há uma combinação de palavras equivalente, que seja formada pela estrutura [verbo + artigo + substantivo]. Neste caso, o tradutor terá que explicar a combinação das palavras, dizendo ‘sair para fazer as tarefas externas’ (como ir ao banco, à lavanderia, ao supermercado, à pet shop para buscar seu cãozinho). Em inglês, por exemplo, *‘deliver the baby’* é a combinação de palavras para a expressão do PB ‘fazer um parto’. Exemplos como esses mostram que as combinações de palavras podem variar de uma língua para outra ou, simplesmente, inexistir, exigindo do tradutor diferentes tipos de adaptações.

Problemas de não equivalência são comuns e podem incluir conceitos específicos na LF que são inexistentes na LA, termos semanticamente complexos na LF sem equivalente na LA, diferença de significado existente entre um termo da LA e seu equivalente na LF; inexistência de hiperônimo da LF na LA (ex. ‘veículo’); inexistência de hipônimo da LF na LA (ex. *‘ricksaw’* – *‘riquexó’*); diferença na forma

das palavras; diferença na frequência de uso de determinadas formas verbais; o uso de empréstimos na LA etc.

Sendo assim, escolher o equivalente adequado em um determinado contexto depende de vários fatores. Por isso, Baker (2011) afirma que é impossível oferecer dicas absolutas para o tradutor lidar com esses diversos tipos de não equivalência existentes entre as línguas. As escolhas feitas pelo tradutor vão depender da forma como ele utiliza os sistemas linguísticos, do seu conhecimento de mundo, dos preconceitos dos leitores num determinado tempo e espaço, da forma como o tradutor entende seu trabalho, da sua avaliação do que é apropriado num determinado contexto. Todas essas questões apresentadas sempre deverão levar em conta, primeiramente, o público-alvo. Saber quem vai ler a tradução – crianças, jovens ou adultos – e em que cultura estão inseridos é crucial para iniciar o trabalho.

### **A tradução dos contos: um trabalho colaborativo**

1620

Desde a primeira publicação em 2016 do livro “Contos Horripilantes”, tem-se buscado um trabalho de tradução colaborativo realizado pelos acadêmicos de Letras Inglês, que se organizam em duplas ou trios para tal tarefa. Poucos foram os contos traduzidos por um único acadêmico, de forma a incentivar o trabalho em equipe e deu-se preferência para que os tradutores trabalhassem com textos que não fossem de sua autoria. Além disso, o fato de a maioria dos escritores dos contos serem colegas de graduação, do curso de Letras – Português, é uma vantagem pois sempre facilita o esclarecimento de dúvidas quanto à escolha de determinadas palavras ou jogo de palavras, por exemplo.

O processo de tradução sempre é acompanhado pelos professores de língua inglesa e revisados por estes, o que, no entanto, não exime acadêmicos e professores de encontrar grandes desafios. A maioria desses desafios é resolvido, de alguma forma. No entanto, deixamos claro aos acadêmicos escritores e aos acadêmicos tradutores que alguns desafios na tradução podem implicar modificações ou mesmo a perda de alguns significados, como no jogo de palavras, que os autores dos textos, às vezes, utilizam. Na obra ‘Contos de Amor ou Amizade?’ (ROSA et al., 2020), por exemplo, a escolha do nome ‘Raul’ para um dos

personagens do conto “A Itaheb – luz do luar” não é aleatória. Ao ser lido de trás para frente, significa ‘luar’, o que é um símbolo importante na história. Isso porque Behati, a personagem principal do conto, depois de ficar órfã de mãe, ser obrigada a casar com um homem que não amava e sofrer agressões, decide fugir para a cidade grande com seus filhos em busca de uma vida melhor. Assim, consegue trabalho como empregada doméstica na casa de Raul, um viúvo cuja casa é repleta de livros. Ele a incentiva a escrever sobre suas memórias e, num bloco de anotações, a moça escreve seu livro, intitulado “Itaheb – luz do luar”. Intrigado, seu patrão lhe pergunta o significado de “Itaheb”, ao que ela responde:

---

recordo-me de minha mãe sempre ter me dito quando criança, que foi a luz do luar que havia me levado para seus braços em uma noite muito fria. Ela me disse que o nome daquela lua era Behati, por isso, decidi me dar este nome [Itaheb]. Em homenagem ao luar daquela noite. De fato, quando paro para recordar, sempre me senti muito iluminada, apesar das dificuldades enfrentadas por minha família, até o dia da morte de minha mãe. A partir do dia se sua morte, senti que minha vida havia começado a destorcer-se e que a luva havia ido embora junto com ela. Por isso, escrevi essas memórias com meu nome de trás para frente, destorcido...pois me senti assim por muito tempo. (ROSA et al, 2020, p. 17)

---

1621

Seu patrão gosta do que ouve e diz que se sente como um pai para ela, embora ele nunca tivesse tido filhos. Nesse momento, Raul e Behati se abraçam e ela lhe pergunta “nunca reparou que LUAR é seu nome de trás para frente?” (ROSA et al., 2020, p. 18).

Ao traduzir, os acadêmicos optaram por manter o título “Itaheb – the moonlight” e o nome da personagem Behati. No entanto, a manutenção da palavra ‘moonlight’ no título implicou a perda do trocadilho com o nome ‘Raul’.

Esses e outros desafios fizeram parte do processo de tradução diversas vezes e incentivaram os acadêmicos a refletir sobre o papel da tradução e suas características. Muito mais do que ser um processo que envolve adaptações e, às vezes, algumas perdas, a tradução é, acima de tudo, um importante meio de socializar o texto e de incentivar a leitura em língua estrangeira e, com este trabalho em conjunto, professores e acadêmicos de Letras conseguiram alcançar essa meta por meio deste belo projeto.

## Considerações finais

Este projeto dá conta de algo essencial no ensino: os contos como material didático e trabalho realizado de forma coletiva. São muitas pessoas envolvidas e muitas atividades diferenciadas para o mesmo produto. Cada livro tem a sua história, tem o seu processo e configuração. A cada ano, realizamos um sarau especial sobre o livro lançado: um momento de ouvir muitos depoimentos, não só dos autores, tradutores e ilustradores, mas também dos colegas leitores e dos professores que acompanham todo o desenvolvimento. Além de depoimentos, pedimos aos alunos que destaquem trechos de sua escrita ou da escrita de colegas que consideram mais significativos, que os tocaram de alguma forma ou que estivessem com alto grau de criação artística. É um momento ímpar de realização profissional ao ouvirmos os depoimentos e os comentários; nesse momento informal, percebe-se o quanto é significativo para a vida dos estudantes publicar um conto e/ou traduzir um conto para publicação. Eles relatam o que ouvem dos familiares e amigos e evidenciam a importância na sua vida de ter um livro com seu nome como autoria, o que engrandece o projeto. Quanto aos ilustradores, percebe-se a satisfação de constatarem que os autores apreciam a imagem criada, considerando-a condizente com a narrativa, o que, conseqüentemente, engrandece a realização do professor formador. Outro dado importante são os autógrafos. Na medida em que pedimos autógrafos, há uma troca de emoções com as declarações e agradecimentos pela realização do livro.

A princípio, pensávamos que esta produção fosse mais um diferencial do curso, mas, com o tempo, constatamos que é um diferencial na vida dos estudantes, das famílias e dos professores. E poder levar o livro como material didático às escolas amplia o circuito de uso dos contos como material de pesquisa. Quando está sendo criado, o livro já tem destino certo: a educação básica – tanto para as aulas quanto para atividades literárias, como a Feira do Livro das cidades, da universidade e das escolas. É um circuito que não fecha porque surgem situações novas a partir das publicações. Trata-se de um projeto que surge para transformar os estudantes envolvidos em sua totalidade – no âmbito pessoal, ao se descobrirem, através da escrita, como autores e tradutores e, por vezes, como personagens. A interdisciplinaridade com os cursos de Letras, Pedagogia, História e Design Gráfico

e, ainda, a relação com a produção de material didático a ser utilizado na educação básica, mantêm a dinamicidade de todo o processo. Assim, a universidade se completa e os professores sentem-se realizados, dispostos a criar novos projetos e incentivados a continuar realizando pesquisa a partir de projetos artístico-culturais realizados na Instituição.

## REFERÊNCIAS

BAKER, Mona. **In other words**: a coursebook on translation. 2. ed. New York: Taylor & Francis, 2011.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

FOSSATTI, Paulo. Apresentação. *In*: ROSA, Lúcia Regina Lucas da; MACHADO, Eduardo Pereira; GREGIS, Hilaine (orgs.). **Contos de mulheres/Cuentos de mujeres/Women Stories**. Canoas: Editora Unilasalle, 2018. P. 7-8.

1623

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZAGA, Pedro; TUTIKIAN, Jane. **Escreva!**: guia de escrita criativa. Porto Alegre: Leitura XXI, 2015.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução**: história, teorias e métodos. São Paulo: Parábola, 2011.

ROSA, Lúcia Regina Lucas da; GRÉGIS, Hilaine; MACHADO, Eduardo Pereira. Produção de contos para a educação básica. *In*: PEREIRA, Cilene Margarete; PORTO, Luana Teixeira (orgs.). **Na sala de aula**: proposições e provocações para a leitura na educação básica. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020. p. 143-163.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**: a literatura em perigo. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015.